

FEIRA GEOGRÁFICA: REVISITANDO A GEOGRAFIA DO BRASIL E A OEIRENSE

FERIA GEOGRÁFICA: REVISITANDO LA GEOGRAFÍA DE BRASIL Y OEIRENSE

GEOGRAPHIC FAIR: REVISITING THE GEOGRAPHY OF BRASIL AND OEIRENSE

Apresentação: Pôster

Jhonatan Henrique de Sousa Gomes; Mayron de Sá Vieira; Paulo Henrique de Carvalho Bueno

INTRODUÇÃO

Baseado nas concepções de novas metodologias para o ensino de geografia, de uma aprendizagem ativa pautado no construtivismo e participação do alunado é que se inscreve a proposta de “Feira Geográfica: Revisitando a Geografia do Brasil e a Oeirense”, a qual visou colocar situações de aprendizagens que levem ao aluno/a a construir seus raciocínios geográficos e conhecimento da espacialidade vivida, seja a nível de país, seja de sua cidade. Com efeito, objetivou-se explicar a geografia do Brasil e oeirense em seus aspectos físicos e humanos. Argumenta-se que metodologias ativas promovem uma aprendizagem significativa nos discentes, haja vista que são estes a construírem suas perspectivas didáticas para a exposição conteudista aos demais. Destarte, tem-se o engajamento dos alunos em pesquisar, montar os recursos didáticos e discussão com desenvoltura dos conteúdos propostos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ensino de geografia tem sido objeto de reflexões ao longo do tempo no âmbito acadêmico com o fito de se buscar responder as demandas que surgem em cada contexto vivido. Nessa direção, as indagações, como afirma Cavalcanti (2012, p. 136), centram-se em: “o que se ensina, quando se ensina Geografia? [...] Ensina a observar a realidade e a compreendê-la com a contribuição dos conteúdos geográficos, [...] um modo de pensar a respeito de algo. Ensina-se, por meio dos conteúdos, a perceber a espacialidade da realidade”.

Nesse sentido, a proposta de atividade didática em tela parte do entendimento pedagógico do construtivismo, o qual prevê a participação ativa dos alunos no ensino-aprendizagem, uma vez que nessa concepção o sujeito é ativo, isto é, ele age no ensino, sobre o conteúdo e transforma o conhecimento prévio e a teoria em conhecimento intelectual, crescendo o seu saber e concepção de mundo. Enfim, busca-se “interpretar o mundo em que vivemos, além de nos situar como sujeito neste mundo” (Becker, 2001, p. 72).

De fato, a educação geográfica deve desenvolver “uma prática que seja aberta à possibilidade de questionar o que se faz, de incorporar de fato os interesses dos alunos, e de ser capaz de produzir a capacidade de pensar, agindo com criatividade e com autoria de seu pensamento” (Callai, 2001, p. 134).
Noutros termos,

Construir o conhecimento geográfico é diferente de estudar Geografia de forma enciclopédica. Entender os acontecimentos refletindo sobre os fatos não significa memorizar os dados e assim apenas ter segurança em repassá-los. Entender os fenômenos é conseguir, a partir deles, desenvolver a condição de mobilizar o pensamento e conseguir assim aproveitá-los em diferentes situações. Entender um fenômeno ocupando-se do outro e ser capaz de reutilizá-lo sempre que for necessário aprender o novo requer atenção e reflexão. São essas ações que permitem a construção do conhecimento (Costella, 2013, p. 65).

As reflexões sobre construir o conhecimento geográfico induz a refletir que a proposta em tela pode contribuir para a ideia de ensino prático, por meio de metodologias ativas que favorecem a inserção do aluno na educação. Enfim, a aprendizagem ativa não trata de propor metodologias diferentes, mas de relacionar o conteúdo e a participação dos alunos, isto é, de propor um ensino pautado na aprendizagem da disciplina e de seus conteúdos. Assim, a aprendizagem ativa é caracterizada por tarefas de aprendizagem, que envolvem: a) aprendizagem colaborativa: com o envolvimento dos alunos no processo, auxiliando-os a desenvolver ações e pensar sobre estas, além de criar trocas entre eles e o professor, em que deve envolver alunos para fazerem coisas e estimulá-los a pensar sobre elas; b) tarefas continuadas que vão desenvolvendo o uso das funções cognitivas; c) instrução dos professores e trabalho dos alunos; d) aprendizagem individual, cujo próprio aluno sistematizará o que foi aprendido no grupo (Moraes e Castellar, 2018).

METODOLOGIA

O projeto utilizou-se de uma abordagem qualitativa e exploratória, caracterizada por metodologias ativas e pelo aprendizado colaborativo. Os alunos foram organizados em grupos temáticos: aqueles do curso técnico em Administração exploraram a geografia brasileira, enquanto os estudantes de Agropecuária focaram em aspectos culturais e físicos de Oeiras. Cada grupo foi incentivado a criar materiais didáticos como maquetes e cartazes, além de desenvolver apresentações para expor o conteúdo de forma interativa e sem o uso de recursos digitais, reforçando a autonomia e a comunicação verbal.

A atividade proposta consistiu na exposição por parte dos alunos dos conteúdos ministrados ao longo do ano na disciplina de Geografia, no caso do segundo ano do ensino médio, a Geografia do Brasil. Ao longo do ano estudou-se diversos conteúdos geográficos com foco no espaço brasileiro, mas para essa atividade centralizou-se nos seguintes: formação territorial e regionalização; Estrutura geológica e relevo; climas e domínios morfoclimáticos; urbanização; industrialização e população. No âmbito da Geografia oeirense solicitou-se aos alunos que pesquisassem as seguintes temáticas: formação socioespacial da cidade; religiosidade oeirense; espaços geoturísticos; educação da cidade; caracterização física (clima, relevo e hidrografia); lendas da cidade.

Nesse sentido, assim delineou a atividade: a turma do segundo ano do técnico em Administração integrado ao médio é composta de 40 alunos, em que cada grupo ficou com uma temática: Grupo 1: formação territorial e regionalização; Grupo 2: Estrutura geológica e relevo; Grupo 3: climas e domínios morfoclimáticos; Grupo 4: urbanização; Grupo 5: industrialização e Grupo 6: população.

Já a turma do segundo ano em Agropecuária é composta por 36 alunos, os quais dividimos em grupos de 6, em que cada grupo ficou com a seguinte temática: Grupo 1: formação socioespacial da cidade; Grupo 2: religiosidade oeirense; Grupo 3: espaços geoturísticos; Grupo 4: educação da cidade; Grupo 5: caracterização física (clima, relevo e hidrografia) e Grupo 6: lendas da cidade.

A feira geográfica consistiu em apresentação dos alunos para os demais discentes de outras turmas da instituição em um dia específico. Nesse sentido, utilizou-se o *hall* de entrada do campus, em que se colocou as mesas para exposição das maquetes e demais recursos que foram utilizados na exposição.

Essa sequência didática ou projeto de ensino exposto durou um mês, sendo que a disciplina de geografia possuía duas aulas semanais, portanto foi usado 8 aulas, em que 6 foram usadas para a construção do material e pesquisa por parte dos alunos. As últimas duas foram usadas para a culminância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sob orientação do professor, os alunos produziram maquetes, cartazes com esquemas e gráficos para melhor explicitarem seus conteúdos, uma vez que se solicitou que não utilizassem *slides*. Nessa direção, a

autonomia dos discentes foi desenvolvida de forma satisfatória e evidenciou os potenciais dessa atividade didática e pedagógica, o que se aproxima das reflexões de Costella (2013), como apontado na figura 01.

Figura 01 – alunado apresentando o Brasil e suas características



Fonte: Própria (2023).

Ademais, cada grupo fixou seus materiais para exporem. Solicitou-se aos alunos da turma do segundo ano de técnico integrado ao médio em administração que se dividissem em grupos para assistirem as exposições dos colegas. Nesse formato, todos os alunos ouviram as exposições sobre todas as temáticas, como evenciados nas figura 2.

Figura 02: Alunado expondo sobre as temáticas pesquisadas no IFPI – Campus Oeiras



Fonte: Própria (2023).

Os raciocínios geográficos, conforme Cavalcanti (2012), são elaborados e expostos pelos discentes de forma consistente quando se propõe uma atividade pautada numa pedagogia socioconstrutivista, de acordo com Becker (2001), e suas socializações despertam reflexões das interiorizações conteudistas ao longo do semestre (figura 3).

Figura 3 – exposição dos alunos/as



Fonte: Própria (2023).

De fato, a metodologia ativa e suas repercussões nas atividades de ensino são fatores fundamentais para uma aprendizagem geográfica significativa, uma vez que coloca os discentes no papel de protagonistas, conforme indicam os estudos de Moraes e Castellar (2018) e Callai (2001).

Figura 04 – exposição do alunado sobre os conteúdos apreendidos em sala de aula

	

Fonte: Própria (2023).

CONCLUSÕES

A Feira Geográfica evidenciou-se como uma prática didática relevante para o ensino de Geografia, uma vez que combinou pesquisa, criatividade e exposição conteudista. De fato, essa intervenção pedagógica permitiu aos estudantes aplicar teorias e conceitos de maneira prática e em um contexto social nacional e local, o que contribuiu para seu desenvolvimento como cidadãos críticos e autônomos.

De fato, a construção de raciocínios geográficos exigem do professorado adoções de diferentes metodologias que visem uma aprendizagem significativa, papel aqui evidenciado pela porposta em tela. Nesse sentido, espera-se contribuir no debate do ensino de Geografia e suas aplicações no entendimento da realidade vivida.

REFERÊNCIAS

BECKER, F. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001

CALLAI, H. C.. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?. Revista Terra Livre, São Paulo, n. 16. p. 133-152, 2001.

CASTELLAR, S. V. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, R. D. (org.) Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTROGIOVANNI, A.C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: A.C. CASTROGIOVANNI; H.C. CALLAI; N.A. KAERCHER. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre, Mediação, p. 81-93. 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI, A. C. [et al.]. (Org.) Geografia em sala de aula: prática e reflexões. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, AGB, Seção Porto Alegre, p. 31-48, 2010.

CAVALCANTI, L. de S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, L. de S. Geografia e prática de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. Concepções Teórico-metodológicas e docência da Geografia no mundo contemporâneo. In: _____. O ensino de Geografia na escola. Campinas: Papirus, 2012. p.129-54.

COSTELLA, R. Z. Movimentos para (não) dar aulas de Geografia e sim capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; TONINI, I. M.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). Movimentos no ensinar geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

MORAES, J. V. de; CASTELLAR, S. M. V. Metodologias ativas para o ensino de Geografia: um estudo centrado em jogos. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias, v. 17, n. 2, p. 422-436, 2018.